

Resumo: A chegada dos africanos trazidos para trabalhar na produção açucareira legou para o Brasil, uma configuração cultural-religiosa rica em práticas, ritos, sons, cantos e danças que imbricados com a religiosidade católica portuguesa, tornou algumas práticas culturais híbridas. Esse arcabouço cultural é verificado na atualidade, como elemento da singularidade identitária e, por tanto, patrimônio cultural brasileiro, sendo trabalhado pela atividade turística dentro do segmento do turismo étnico. A partir da pesquisa bibliográfica, digital e de campo, o presente estudo se detém a descrever e analisar o rito da coroação da rainha das Taieiras na cidade de Laranjeiras na região do Vale do Cotinguiba em Sergipe como atrativo turístico em potencial. O rito devocional que passa temporariamente a coroa da Virgem do Rosário para a cabeça de uma das integrantes do grupo é realizado no espaço principal: o altar da igreja de São Benedito. Verificou-se ao final do estudo, que no ritual de coroação da rainha das Taieiras imbricam elementos de natureza religiosa portuguesa (Católica) e africana (Nagô), e que, portanto, é um evento potencial para atração do turístico étnico.

Palavras-chave: Turismo Étnico; Multiculturalismo; Religiosidade Afrocatólica.

Abstract: The arrival of the africans brought to work on sugar production bequeathed to Brazil, a cultural-religious rich in production practices, rites, sounds, devotional songs and dances, made some hybrid cultural practices. This cultural framework is checked at the present time, as an element of uniqueness of identity and, therefore, brazilian cultural heritage, being worked on by the tourist activity as ethnic tourism. From the digital, bibliographical and field research, the present study stops describe and analyze the rite of coronation of the Queen of Taieiras in the city of Laranjeiras in the region of the Valley of the Cotinguiba in Sergipe as a potential tourist attraction. The devotional rite which passes temporarily the crown of the Virgin of the Rosary to the head of one of the members of the group, is held in the main space: the altar of the church of St. Benedict. It was found the end of the study that the rite of Coronation of the Queen of Taieiras cross elements of nature portuguese (Catholic) and african (Nago) religious, and that, therefore, it is an potential event for tourist ethnic attraction.

Keywords: Tourism Ethnic; Multiculturalism; Catholic Afro Religiosity.

Resumen: La llegada de los africanos traídos para trabajar en la producción de azúcar de Brasil, producido un patrimonio cultural rico en prácticas, ritos, sonidos, canciones y bailes que entrelazada con la religiosidad católica de portugués hecho algunas prácticas culturales híbridas.. Este marco cultural se comprueba en la actualidad, como un elemento de la unicidad de la identidad y, por lo tanto, patrimonio cultural brasileño, donde se trabaja por la actividad turística dentro del segmento de turismo étnico. De la búsqueda bibliográfica, digital y de campo, el presente estudio se detiene para describir y analizar el rito de coronación de la reina de Taieiras en la ciudad de Laranjeiras en el Valle de Cotinguiba en Sergipe como potencial turístico. El rito devocional que pasa temporalmente la corona de la Virgen del Rosario a la cabeza de uno de los miembros del grupo se llevan a cabo en el espacio principal de la iglesia: el altar de la iglesia de San Benito. Se encontró al final del estudio, que el rito de coronación de la reina de Taieiras Cruz de los elementos de la naturaleza religiosa portuguesa (Católico) y africana (Nago), y que, por lo tanto, es un evento de atracción turística potencial.

Palavras clave: Turismo Étnico; Multiculturalismo; Religiosidad Afrocatólica.

Introdução

Ao longo do processo de formação como fenômeno e ciência, atividade do turismo vem sofrendo reflexões quanto ao seu papel na sociedade, visto que, possui como base proporcionar a cultura do encontro (ALFONSO, 2003). Por ser um fenômeno complexo em que pesam múltiplas formas, o turismo vinculado à cultura traduz a produção material e imaterial de bens culturais, sendo valorizada pelas sociedades (SANTANA, 2009). Um binômio propulsor dos elementos que remetem ao pertencimento, sendo valorizado a partir do encontro entre residentes e visitantes.

A atividade turística quase sempre está relacionada à produção cultural (PERÉZ, 2009), atualmente, ela vem sendo viabilizada por meio de diversos segmentos que buscam identificar nichos específicos no mercado de consumo. Dentre os tipos que estão focados na valorização da cultura, ancestralidade e tradição, o destaque fica para o turismo étnico. Seja pelo simbolismo, identidade cultural ou desenvolvimento sustentável, a prática do turismo étnico tem sido percebida como uma atividade em prol do reconhecimento das tradições e elemento propagador da cultura dos povos autóctones. Segundo Lemos, Frega e Souza (2008), essa forma de se trabalhar o turismo favorece a criação de correntes turísticas específicas para conhecer, conviver e integrar-se com as diferentes etnias.

O turista que o pratica é um indivíduo que busca conhecimentos relacionados ao legado cultural do homem em diferentes épocas e manifestações. Assim sendo, o turismo étnico é uma subdivisão do turismo cultural ligada à motivação de conhecer características de etnias específicas (LEMOS; FREGA; SOUZA, 2008, p. 6).

O turismo étnico é desenvolvido a partir do enaltecimento da cultura de povos que foram subtraídos ao longo do processo histórico. Africanos, indígenas, polinésios, esquimós, estão quase sempre no foco do turismo étnico, viabilizando meios de inserir essas comunidades dentro da economia global pelo resgate das tradições culturais. Alguns estudiosos da Antropologia do Turismo fazem críticas a essa atividade. Segundo Graburn (2009), pela “comoditização da etnicidade” essa forma de turismo tem provocado mudança nas artes e no artesanato e, por consequência, na identidade desses povos visitados. Para o autor, o autêntico e exótico são colocados numa vitrine para o usufruto das demandas turísticas. No entanto, no Brasil, algumas comunidades indígenas e afrobrasileiras têm sido beneficiadas pela atividade turística dessa modalidade.

O raio de ação do turismo étnico vai além de comunidades que se encontram em locais histórica e geograficamente oprimidos pelo regime do capitalismo escravocrata ou de exploração das riquezas naturais. O turismo étnico trabalha em prol de comunidades germânicas, árabes, italianas, russas, japonesas dentre outras, que se deslocaram para países e regiões não originais dessas etnias. Nesses novos espaços, os estrangeiros permaneceram com suas tradições como forma de preservar a sua identidade. Ainda que adaptadas ou reinventadas pela nova realidade local, são esses povos que passaram pelo processo de diáspora que estão no foco do turismo étnico.

Em terras brasileiras, as etnias que aqui aportaram em diferentes períodos históricos e regimes econômicos, deixaram para o país, uma diversidade cultural acarretando um hibridismo cultural-religioso único. Essa mescla de produção de bens materiais e imateriais pode ser vista em diversos setores da cultura brasileira. Quando a temática se volta especificamente para a população negra dos fluxos africanos, a sua vinda para o Brasil,

[...] modificou sobremaneira os costumes cotidianos na sociedade brasileira. Graças ao modo diferenciado de perceber o mundo pelos escravos, o Brasil detém uma cultura singular que está inserida nos mais diversos segmentos. No campo gastronômico enriqueceu as práticas alimentares com novos ingredientes, temperos e sabores, a língua portuguesa foi ampliada, inserido novas palavras ao dicionário brasileiro; diversificou o modo de dançar e comemorar as festas, incorporando novos sons e bailados; os africanos influenciaram o ritmo dançado dos folguedos e do folclore popular [...] bem como nos passos do frevo e do samba [...] (ARAGÃO, 2013, p. 3).

A partir da pesquisa bibliográfica, digital e de campo, o presente estudo se detém a descrever e analisar o rito da coroação da rainha das Taieiras na cidade de Laranjeiras na região do Vale do Continguiaba em Sergipe, refletindo sobre essa expressão cultural como atrativo potencial para o turismo étnico, segmento que está sendo desenvolvido por alguns lugares do Brasil¹.

No caso de Laranjeiras, o turismo étnico poderia ser percebido sob a ótica da valorização da cultura dos povos afrodescendentes que deixaram um legado cultural que fez do Brasil, um país singular no campo da multiculturalidade. Como pesquisa qualitativa, o método e a técnica utilizados para descrição e análise envolveram o aporte teórico-conceitual; aproximação *in loco* do grupo estudado com observação não participante e registro fotográfico. A pesquisa de campo foi realizada quando da coroação da rainha das Taieiras no dia dos Santos Reis, dentro da programação do encontro cultural da cidade.

Multiculturalismo, identidade e turismo étnico

O Brasil é um país com diferentes culturas e etnias, que por aqui aportaram africanos, europeus e asiáticos em diferentes contextos históricos e regimes econômicos, proporcionando ao país, um legado cultural em que pesam diversas influências culturais. Atualmente, os estudos vinculados à cultura brasileira têm se debruçado sobre aspectos singulares dos “fazeres e saberes”, sendo recorrente a exaltação das culturais locais; indo na contramão da globalização que tende a homogeneizar os discursos e práticas culturais.

Kuper (2002) defende que a cultura que se costumou chamar de popular, além de ser a maior esperança contra a elitização, tem estado na pauta dos estudos sobre diferença e identidade. Dessa forma, as ciências sociais e humanas têm posto cada vez mais em evidência, o valor da história, discurso, memória e sentidos das classes sociais não pertencentes às elites. Comunidades estas, que possuem singularidades no campo das danças, rituais, religiosidade e práticas de fé, situadas em cidades do interior distando dos grandes centros urbanos e em áreas rurais. Como consequência constata-se que os estudos multiculturais ganharam fôlego, servindo como meio de protagonizar o ator cultural (KUPER, 2002).

Na contrapartida sobre possíveis aculturações e uniformidades entre sociedades, a globalização permitiu o fortalecimento, a justaposição, o reconhecimento e a difusão de manifestações culturais tradicionais, promovendo também a diversidade. A valorização da cultura local de povos em deter-

¹ As comunidades D’oit na cidade de Itacaré e Kaonge na cidade de Cachoeira, ambas no estado da Bahia, desenvolvem o turismo étnico-afro, o mesmo acontece na Reserva da Jaqueira em Porto Seguro-Bahia, onde é realizado o turismo étnico-indígena. O turismo étnico germânico-italiano acontece no projeto da “Acolhida na Colônia” em Santa Catarina.

minados contextos, segue favorável do fenômeno de diluição das identidades na contemporaneidade como preconizou Hall (2003).

Guerreiro e Vladi (2005) vão problematizar que nesse processo, a cultura também pode ser *locus* de resistência à homogeneização. Se há tempos a Antropologia e posteriormente a História, buscam constatar o valor intrínseco da cultura popular em cada localidade, a súbita valorização por parte das novas ciências sociais aplicadas² está vinculada a percepção do lugar de protagonista do sujeito dentro da sociedade. Essa mudança no trato do agente social ativo possibilita ir de encontro aos atos e práticas generalizantes que descaracterizam o indivíduo.

Ao seguir essa tendência planetária, os estudos culturais brasileiros têm sido vistos sobre o prisma da valoração da identidade, classe, gênero e etnia na contextualização da sociedade, encontrando cada vez mais espaço sobre o valor do pertencimento sociocultural. É enquadrado nesse “código de ações, habitus³ e condutas através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, e modificam o mundo e a si mesmas” (DA MATTA, 1981) que o turismo cultural-étnico é desenvolvido. Neste âmbito, pesquisas que dizem respeito às sociedades procuram engendrar perspectivas sobre a diversidade cultural, onde se busca o diálogo horizontal e o respeito às diferenças. De acordo com Silva e Carvalho (2010, p. 208),

A identidade étnica de um grupo é o alicerce para sua forma de organização, para sua relação com os demais grupos e de seu agir político. A atitude pela qual os grupos sociais definem o próprio pertencimento é resultado de uma confluência de fatores determinados por eles mesmos, no qual constam itens como uma ancestralidade comum, formas de organização política e social, elementos lingüísticos e religiosos.

Segundo Trajano Sé (2000), não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si, pois ela existe sempre em relação à outra que é externa. Toda identidade é construída e, seguindo o conceito de Castells (2003), essa construção vale-se dos temas fornecidos pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, bem como pela memória coletiva, patrimônio, festa e religiosidade: matéria prima para o turismo étnico.

Para MacCanell (1992), o modelo de turismo que se vincula à globalização é o turismo de massa que tende a homogeneização internacional da cultura e a preservação artificial de grupos e atrações étnicos locais com pacotes prontos, horários definidos e, em grande parte, simulacro dos atrativos. As possíveis generalizações advindas do fenômeno da globalização tendem a unificação, elitização, e mesmo, a busca por semelhanças nas práticas culturais de lugares distintos, negando à diversidade cultural. Essa perspectiva acarreta na maioria das vezes, uniformizações no cotidiano e nos costumes sociais, levando a fusão de práticas recorrentes e tradicionais com novos fazeres.

O turismo étnico busca rebater essa uniformização, pois visa à valorização dos povos que foram muitas vezes excluídos, ao logo do processo histórico, buscando subsídios para a protagonização desses atores sociais e fortalecimento das suas identidades culturais. De acordo com Vatin (2008), o conceito de turismo étnico, ou turismo de raízes (*roots tourism*), tem se desenvolvido de forma significativa nas últimas décadas. Ainda segundo Grünewald (2009), essa forma de turismo, além de ser

2 O turismo e alguns dos seus segmentos: cultural-religioso, étnico, rural e de base comunitária.

3 Tendo como referência os estudos de Bordieu (1983), entende-se habitus um estado interior que orienta as ações dos indivíduos de maneira a defini-los enquanto sociedade.

recreativa é também histórica, visto que, além do lazer diz respeito ao conhecimento cultural sobre as pessoas que foram constituintes para a formação do Brasil.

Verifica-se o turismo étnico como uma variante do turismo cultural, pois os elementos de ambos se imbricam tanto nos formatos dos atrativos e roteiros, como na produção de bens, serviços, símbolos de atração e na hospitalidade. Como informa o Ministério do Turismo, quando a atividade turística foca nos aspectos étnicos das culturas, estabelece que o visitante tenha “um contato próximo com a comunidade anfitriã, participando de suas atividades tradicionais, observando e apreendendo sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares” (BRASIL, 2008, 2010, p. 21). Nesse contexto, o turismo étnico,

[...] envolve as comunidades representativas dos processos imigratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos como valores norteadores de seu modo de vida, saberes e fazeres (BRASIL, 2008, 2010, p. 20).

Ainda na discussão turismo cultural e étnico, Cardozo (2006, p. 145) corrobora com a reflexão que “o turismo étnico pode ser encarado como uma segmentação do turismo cultural com definição que relaciona as idéias de etnicidade (autóctone ou transplantada) como motivadora da visita”.

Segundo Santos (2005, 2009), é na atividade do turismo étnico que a etnicidade é posta em evidência, visto que, na prática desse segmento turístico, ações cotidianas vinculam-se ao consumo de bens simbólicos da cultura em comunidades excluídas pela lógica do capitalismo branco, europeu e elitista. O turismo étnico tem como objetivo, o desenvolvimento de grupos que ficam à margem dos grandes projetos capitalistas

Religiosidade e hibridismo cultural afrobrasileiro

Ao nos debruçarmos sobre o processo de inserção dos povos africanos no Brasil colônia, ocorrido de maneira opressiva pela elite católica branca e dominante, é possível perceber que no âmbito religioso, a vinculação dos escravos negros remetia à aceitação ao repertório dos ritos e santos católicos provenientes do colonizador. Para Prandi (2003, p. 2),

As religiões afro-brasileiras mais antigas foram formadas no século XIX, quando o catolicismo era a única religião tolerada no País e a fonte básica de legitimidade social. Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável antes de mais nada ser católico.

Sabe-se hoje que a relação por parte de alguns negros da diáspora africana em aderirem à religião católica, passou mais por uma adequação sociocultural do que propriamente por uma conversão. Ainda que essa adesão não acontecesse de forma plena, estratégias como o sincretismo faziam parte do processo de reafirmação identitária, pertencimento social e trânsito. Burity (2002) discute que essa adequação identitária, diz respeito à percepção dos atores de que seu lugar no mundo pressupõe investimentos simbólicos pelos quais eles se afirmam e negociam com outros sua forma de inserção na sociedade. Ao fenômeno em que ocorreu a justaposição de religiões africana e europeia em determinados cultos, deu-se o nome sincretismo.

De acordo com Ferreti (2007, p. 112), o sincretismo no Brasil tornou-se uma “[...] uma estratégia de transculturação refletindo a sabedoria que os fundadores também trouxeram da África e, eles e seus descendentes, ampliaram no Brasil”. No entanto, Ferreti (2007, p. 7) defende que os rituais de culto da religiosidade popular portuguesa e de origem africana são, “[...] duas retas que se encontram no infinito. Paralelismo de ideias e valores que estão próximos, mas não se misturam nem se confundem”. Matos, Souza e Gomes (2009, p. 482), reconhecem que ao longo do processo civilizador o país foi favorecido pelo hibridismo cultural-religioso, visto que, “como sociedade multicultural e pluriétnica, o Brasil apresenta uma complexa teia de questões de classe, gênero, etnia, religião e exercício de poder em que a cada momento uma mesma pessoa vive ângulos diferentes da mesma situação [...]”.

Em Laranjeiras/Sergipe, os elementos citados acima são uma realidade no cotidiano do grupo das taieiras. Expressão cultural que transita entre as religiões Nagô e Católica. A partir de uma linhagem feminina especificada em relação aos grupos de taieiras do Brasil, às práticas de fé inscrevem o grupo sergipano das taieiras de Laranjeiras como singular no campo da identidade, de gênero e na tradição cultural-religiosa. O conjunto de ações que durante todo o ano moldam o grupo tem seu ápice no segundo domingo de janeiro em comemoração aos Santos Reis que também é dedicado a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Dentre os rituais desse dia, são realizados: cortejo pelas ruas do centro histórico, missa e coroação da rainha das Taieiras dentro da igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

No Brasil as irmandades de leigos foram muito populares no período colonial. Nossa Senhora do Rosário e São Benedito estavam entre as principais invocações cultuadas entre os homens pretos. Sendo a Irmandade Nossa Senhora do Rosário iniciada no período,

[...] colonial que mantinha uma relação entre os escravos, tanto no que se refere à própria religião, quanto às relações sociais e culturais. As principais atividades ligadas a esta associação e disponíveis aos seus integrantes eram financeiras, sociais, hospitalares, educacionais e funerárias (AMORIM et al, 2011, p. 372).

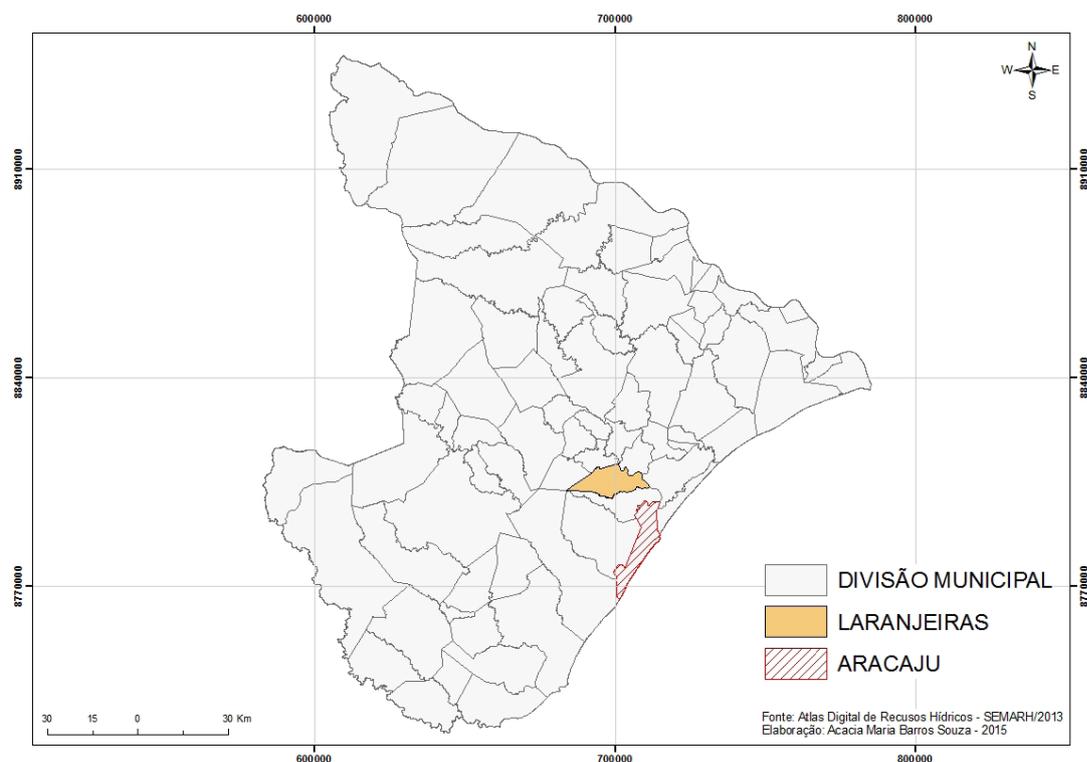
Dessa forma, as irmandades dos homens leigos de cor foram espaços para a manifestação religiosa e afirmação identitária. Estas agremiações também funcionavam locais de protestos contra a exclusão social e resistência cultural. Produzindo momentos oportunos para através de brechas, “recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, sua maneira de vestir-se e aí reproduzir suas hierarquias tribais, aristocráticas e religiosas” (PRIORE, 1994, p. 89).

A taieira e a cidade de Laranjeiras

Localizada no estado de Sergipe (Figura 1), região nordeste do Brasil, a cidade de Laranjeiras situa-se a aproximadamente 18 km de Aracaju, capital do estado. Fundada sob o signo da complementaridade em relação ao estado da Bahia, a Capitânia de Sergipe teve como fundamento econômico a pecuária e a lavoura canavieira. Alcançou seus tempos áureos com a economia açucareira tardia no século XIX, concentrando grande parte das fazendas de cana-de-açúcar do estado, bem como, um grande número de escravos vindos da África. É constantemente associada à tradição histórica, como ocorre com os lugares que abrigaram as elites econômicas e intelectuais do Brasil colonial.

Tendo o seu conjunto arquitetônico e paisagístico Tombado em 1996 pelo IPHAN (BRASIL, 2013), na arquitetura de praças, casarões e igrejas, encontra marcas de uma sociedade efervescente que concentrou nos séculos XVIII e XIX várias iniciativas no campo intelectual e político (BOMFIM, 2004).

Figura 1. Mapa de Sergipe com a Localização de Laranjeiras no Vale do Rio Cotinguiba



Fonte: Atlas Digital de Recursos Hídricos (SEMARH) 2013, adaptado por Acacia Maria Barros Souza

No perímetro antigo, a cidade dispõe de um equipamento turístico de hospedagem e diversos de alimentação. No período do encontro cultural (época que se realiza a coroação da rainha das Taieiras), são oferecidos locais temporários para alimentação de visitantes e turistas, bem como, são ofertadas casas e quartos para aluguel no período do evento. Durante a segunda semana de janeiro, a cidade recebe pessoas de várias partes do país. Fazem parte da comunidade flutuante que chega para o evento, estudantes, etnomusicólogos, pesquisadores e admiradores da cultura popular, permanecendo em casa de amigos ou hotéis de Aracaju.

Além da riqueza histórica manifestada na arquitetura colonial (Figura 2), a cidade de Laranjeiras guarda ainda expressões imateriais de sua história herdadas dos escravos que aqui permaneceram trabalhando nas fazendas de cana até o fim do século XIX. A cultura local está impregnada de elementos africanos, indígenas e portugueses, sendo perpetuada através da presença de quase três dezenas de grupos brincantes de danças e folguedos populares (SANTOS, 2006). A exemplo da Taieira, São Gonçalo, Cacumbi, Reisado, Samba de Coco, de Parêa, Lambe-Sujo e Caboclinho

Figura 2. Arquitetura Colonial de Laranjeiras-Sergipe



Foto: Ivan Rêgo Aragão

Como um dos legados culturais do Brasil escravocrata, a Taieira é um folguedo católico que faz parte das danças do ciclo natalino e que se utiliza de aspectos da cultura africana (rítmicos, sonoros, linguagens), para louvar a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Trazida de Portugal para o Brasil, a Taieira incorporou elementos da diáspora negra nos ritmos e letras das suas músicas. Alencar (2003), Lemos, Lima e Nery (2007), corroboram em mencionar que estes dois elementos estão vinculados ao negro, e nesse contexto, o grupo das taieiras de Laranjeiras inseriu nos seus ritos, tanto os cantos benditos de louvação aos santos negros, como aos orixás, se utilizando do culto afro católico.

De acordo com Dantas (1972), no passado existiam grupos de taieiras nos estados de Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro, “[...] porém, na atualidade uma sensível redução da sua área de ocorrência, nestes estados” (LEMOS; LIMA; NERY, 2007, p. 25). Esses grupos de expressão popular são uma herança do Brasil escravocrata, que no período do Brasil colônia a população negra era proibida de ter livre acesso aos espaços sagrados da elite branca da cidade. Santos (2006, p. 19), menciona que em Laranjeiras,

[...] os aristocratas cultuavam seus santos nos altares domésticos ou na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, sede da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que associava os ricos da localidade. Pretos e pobres congregavam-se na Irmandade de São Benedito, sediada na Igreja de mesmo nome, para cultuar seus patronos com ruidosos festejos realizados no dia de Reis [...].

Em Sergipe os grupos, das taieiras das cidades de São Cristóvão, Japaratuba e Lagarto estão vinculados ao catolicismo português, porém a taieira em Laranjeiras insere em seus ritos, além de formas da religião católica Lusa, ritos de matriz africana através da religião Nagô. Atualmente, o caráter revelado pelo sincretismo religioso brasileiro tem característica marcante nas taieiras de Laranjeiras, o que não acontece com todos os grupos desse folguedo do país que possuem mais característica artística-cultural para o espetáculo (ALENCAR, 2003; DANTAS, 1972; RIBEIRO, 2003, 2008).

A taieira em Laranjeiras desde o século XIX, até o momento presente, se firmou em uma linguagem de seis gerações, sempre com a presença marcada pela liderança de mulheres afrodescendentes.

Dantas (1972, p. 56), informa que “antes da famosa Umbilina, houve a negra Calu que já morreu idosa, antecedida por Maria Nenêga que recebeu a tradição de Sá Geralda, antigamente a dona desse espaço”.

No século XX, dois fatos puseram o caráter do hibridismo religioso, que se transformou em marca da expressão principal do grupo. Sendo uma manifestação vinda desde o período da segmentação dos espaços religiosos e étnicos, as taieiras com a liderança de Mãe Bilina⁴ revelavam a partir da primeira metade do século anteriormente citado, o hibridismo afrocatólico. Tal realidade se concretizou com o ritual de coroação da rainha na Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, onde antes da citada líder, os ritos da religião Nagô e Católica não dialogavam.

Segundo Alencar (2003), na taieira de Laranjeiras são perceptíveis elementos de rituais afros, não só nos ritmos e nos cantos, mas no cortejo remanescente do cerimonial dos congos africanos que se fixaram desde o Brasil colônia. Ao assumir a direção na primeira metade do século XX, Dona Umbilina Araújo que era Mãe de Santo, trouxe os elementos africanos da religião Nagô para dentro do ritual católico do grupo.

Em seu trabalho como líder do Terreiro Santa Bárbara Virgem, quanto no grupo de brincantes das Taieiras, D. Umbilina estipulou o batizado católico e a pureza como premissas para a inserção no grupo. Para tornar-se membro no grupo das Taieiras tem que ser menina e moça virgem. Em consequência dessa última disciplina, Mãe Bilina modificou a faixa etária dos membros do gênero masculino (rei, ministro, capacetes e patrão), que passou de adultos para meninos e pré-adolescentes.

Com o seu falecimento na década de setenta do século passado, a liderança ficou a cargo de D. Lourdes dos Santos que, durante quarenta anos, manteve-se fiel aos preceitos evocados por sua antecedente. Foi quando a partir de 2003, Bárbara Cristina tornou-se a Lôxa⁵ que assumiu essa função. Percebe-se que a taieira de Laranjeiras é um grupo que está alicerçado numa sociedade matriarcal, onde ao decorrer do falecimento da líder, os orixás são quem definem sua sucessora.

Vestido em traje de predominância vermelha e branca (cores de Iansã/Oyá), fitas coloridas com cada cor representando o Orixá específico, cestinhas de palha e chapéus com flores (Figuras 3 e 4), o grupo rememora o reinado do Congo que eram recorrentes nos festejos das irmandades ou ordens terceiras católicas de homens pretos.

⁴ Carinhosamente chamada de Mãe Bilina, a líder tinha como nome de batismo Umbilina Araújo.

⁵ Chefa religiosa do terreiro Nagô.

Figuras 3 e 4. Detalhes da vestimenta do Grupo Sergipano das Taieiras de Laranjeiras



Fotos: Larissa Glebova

O rito da coroação

Anualmente, no segundo domingo do mês de janeiro que coincide com o último dia do Encontro Cultural de Laranjeiras, acontece a coroação da rainha das Taieiras na igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. No passado esse ritual era realizado no dia 06 de janeiro, no entanto, com o crescimento e divulgação do citado evento pela mídia, deu-se início ao ato de coroar uma das integrantes do grupo sempre no encerramento do encontro cultural.

Sempre aos domingos, a partir das 09 horas dá-se início a missa católica. No mesmo horário, do outro lado do centro histórico, o grupo de jovens e crianças formado em sua maioria por meninas, se arruma para realizar após a missa, os seus louvores à Virgem do Rosário e São Benedito. Junto com o grupo da Chegança e Cacumbi, as Taieiras se concentram na residência e terreiro da líder e, a partir daí, dão início ao cortejo pelas ruas do centro antigo (Figura 5).

Figura 5. Cortejo das Taieiras



Foto: Ivan Rêgo Aragão

Os citados grupos saem em cortejo até a margem do rio Cotinguiba onde prestam seus louvores à entidade das águas doces Oyá/Iansã e Bom Jesus dos Navegantes. Logo após, o grupo formado pelo patrão, guias, ministro, capacetes, rei, rainhas e lacaias⁶, se dirigem a igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Chegam à igreja, sempre seguidos por fotógrafos, pesquisadores, turistas e curiosos.

Tendo a frente o jovem rapaz que faz o papel de patrão tocando tambor, o grupo de moças e crianças sai em duas filas sempre da em idade decrescente. Se na frente tem a guia na outra fileira aparece à contra guia. Quando as taieiras chegam à igreja é perceptível à alegria de todos em verem o grupo de jovens que se postam no altar junto a Virgem do Rosário e São Benedito. Após o término da missa, a mesa do altar da igreja é removida transformando-se em palco para a louvação dos grupos. Após esse momento o padre se dirige a imagem de Nossa Senhora do Rosário remove sua coroa e põe na cabeça da integrante do grupo (Figura 6).

6 Papéis dos integrantes do grupo das taieiras.

Figura 6. Coroação da Taieira na Igreja de São Benedito



Foto: Ivan Rêgo Aragão

As pessoas que estão na igreja são acometidas por uma grande emoção e ecoam aplausos por todo o recinto. Em seguida o padre retira a coroa da jovem que faz o papel da rainha do grupo e devolve para a imagem. Ao coroar a jovem dentro do rito católico, o representante religioso católico empondera o grupo como um todo e subliminarmente, a identidade afrobrasileira e católica, ambas pertencentes aos membros do grupo e que vão sendo demarcadas social e etnicamente.

Em seguida, quem dá início as devoções são as integrantes da Taieira, seguidas pelos brincantes da Chegança e, posteriormente do Cacumbi. Acompanhas de tambor e querequechés⁷, cantando e dançando as integrantes sempre em dupla, se dirigem ao altar para deixar galhos de arruda em oferenda aos citados santos. Entre as músicas cantadas estão “São Benedito não quero mais c’roa”, “Lá vai São Benedito”, “Deus vos Salve Casa Santa”, “Entremos com muita alegria”, “Calango”, “Guia com guia” entre outras⁸. Nesse momento, a igreja encontra-se cheia de pessoas tanto na parte interna como externa do templo. São turistas, estudiosos da cultura popular, pesquisadores de ritmos e etnomusicologistas, fotógrafos, jornalistas, documentaristas, estudantes e pessoas da comunidade. Essa missa é especial, pois além de rito católico, torna-se um evento e cenário de expressão cultural. Nessa manhã do segundo domingo de janeiro, a cultura está materialmente presente em sua diversidade.

O ritual da coroação da rainha das taieiras expõe elementos relacionados à cultura de um dos grupos étnicos formadores do país. Evento para atração de pessoas, a simbólica coroação de uma das integrantes do grupo reforça a mensagem de identidade e pertencimento cultural vinda dos antepassados africanos. Se a coroação é singular ou “exótica” para alguns, na comunidade de entorno ela faz parte da paisagem cultural da cidade. Como informa Grünewald (2003, p. 144) “se o exótico, o outro, é procurado em lugares distintos do de origem do visitante, os habitantes desses lugares, de acordo com a perspectiva turística, devem se promover como esse exótico, a fim de ser atrativo no mercado turístico”.

⁷ Espécie de chocalho.

⁸ Nomes das músicas retirados do livro da antropóloga Beatris Gois Dantas

O citado evento perpetua memórias coletivas, define uma manifestação cultural como elemento do patrimônio imaterial sergipano, além de demarcar posições políticas e de gênero no seio da sociedade local. Essa expressão cultural e religiosa pela sua singularidade, potencialmente produz um atrativo para o turismo étnico em Sergipe e deve ser olhado com mais atenção.

Considerações finais

O turismo étnico como ramificação do turismo cultural (BRASIL, 2008, 2010), passa pela valorização das práticas que envolvem a diversidade e identidade como meio de aplacar as uniformizações culturais propostas pela globalização. Além disso, o turismo étnico resgata e contribui para a manutenção de valores culturais tradicionais de etnias diversificadas como a indígena, africana, germânica, árabe dentre outras.

Ao observar *in loco* o rito da coroação da rainha das Taieiras na cidade de Laranjeiras na região do Vale do Cotinguiba em Sergipe, verifiquei a possibilidade de tal rito, que é realizado dentro da semana do encontro cultural da cidade, se tornar atrativo para o turismo étnico como acontece na Festa da Boa Morte na cidade baiana de Cachoeira. Na coroação da rainha das taieiras, valores da cultura e religiosidade Nagô e portuguesa são apresentados em um rito híbrido, colorido e singular. Essa resignificação cultural-religiosa revela na prática, como a cultura dinâmica, pode ser fator de pertencimento e atração turística.

Ao expor elementos únicos da cultura laranjeirense, o rito de coroação embora uma cerimônia local, rebate no processo multicultural apresentado em diversas localidades no mundo. A cultura manifestada como fator para afirmação da identidade étnica apresenta-se como elemento de alteridade, conhecimento, educação e atração turística.

A Taieira de Laranjeiras é singular em relação aos outros grupos de Sergipe e outros estados brasileiros, não somente pelo aspecto já citado da pureza, mas também por seu processo de existência pautado na liderança e relações de poder das mulheres. Filhas e mães de santo, culminando na atual intimidade no diálogo com o universo afrocatólico, sendo uma manifestação popular que também busca a valorização da tradição cultural afro sergipana⁹.

Nesse contexto, a coroação da rainha das taieiras deve ser divulgada pelos gestores do turismo como um elemento de atração para desenvolver o turístico étnico em Sergipe. Visto que, essa segmentação turística busca os costumes e hábitos que são calcados na tradição cultural e memórias singulares de cada etnia, transformando-as de atrativos potenciais em destinos turísticos.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, Aglaé. D. F. de., **Danças e folguedos**. Iniciação ao folclore sergipano. Aracaju: SEED, 2003.
- ALFONSO, M^a José. P. El patrimonio cultural como opción turística. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, 2003, p. 97-115.

9 Em 2008 o Grupo das Taieiras de Laranjeiras foi um dos finalistas nacionais do Prêmio Culturas Populares na categoria 'Grupos Tradicionais Informais'. Concurso promovido pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC).

AMORIM, Éricka et al. Igreja do Rosário dos Pretos: análise das contribuições culturais para o turismo étnico (Afro) em Salvador-BA. In: **1st International Conference on Tourism & Management Studies**, Algarve, Portugal, 2011. p. 368-377.

ARAGÃO, Ivan R. Devoção negra aos santos católicos: identidade, hibridização religiosa e cultural nas celebrações. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. V, n.15, 2013, p. 1-14

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo cultural: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Brasília, 2008, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **Lista dos bens culturais inscritos no livro de tomo**. Brasília: IPHAN, 2013.

BOMFIM, Wellington de J. **Identidade, memórias e narrativas na dança de São Gonçalo do povoado Mussuca**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). João Pessoa: UFPB, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BURITY, Joanildo A. **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. DP& A, Rio de Janeiro, 2002.

CARDOZO, Poliana. F. Considerações preliminares sobre o produto turístico étnico. **Pasos**, v. 4, n. 2, 2006, p. 143-152.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede a era da informação: economia, sociedade e cultura**. v. 1, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

DA MATTA, Roberto. Você tem cultura? Disponível em: <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/DAMATTA_voce_tem_cultura.pdf>. Acesso em: 06.12.2015.

DANTAS, Beatris G. A taieira de Sergipe: pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional do nordeste. Petrópolis: Vozes, 1972.

DUCCI, Jorge. A taieira e nagô: herança em dobro. Disponível em: <<http://www.sulanca.com/pesquisa.asp?pag=5>>. Acesso em: 06.12.2015.

FERRETTI, Sérgio. F. Multiculturalismo e sincretismo. In: **I Congresso Internacional de Ciência da Religião**, UCG, Goiânia, 2007. p. 1-10.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GRABURN, Nelson. Antropologia ou antropologias do turismo? In: GRABURN, N. **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Campinas: Papyrus, 2009. p. 13-52.

GRÜNEWALD, Rodrigo de A. Turismo e etnicidade. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, outubro de 2003. p. 141-159

GRÜNEWALD, Rodrigo de A. Indigenismo, turismo e mobilização étnica. In: Graburn, N. **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Campinas: Papyrus, 2009. p. 97-118.

GUERREIRO, Goli; VLADI, Nadja. Identidades. In: RUBIM, A. (Org.). **Cultura e atualidade**. Salvador: EDUFBA, 2005.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Trad. Mirtes F. de O. Pinheiro. São Paulo: EDUSC, 2002. (Coleção Ciências Sociais).

LEMOS, Andrey R. C; LIMA, Valdênia S. de; NERY, José A. **A taieira: cultura e identidade no município de Laranjeiras**. Monografia (Licenciatura em História). Aracaju: UNIT, 2007.

LEMOS, Iomara S; FREGA, José R; SOUZA, Alceu. Empreendedorismo étnico e desenvolvimento turístico de Treze Tílias. In: **V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. São Paulo, 5 a 7 de março de 2008. p. 1-16.

MACCANNEL, Dean. The locke case. In: MACCANNEL, D. **Empty meeting grounds**. Londres: Routledge, 1992. p. 172-180.

MATOS, Keila; SOUZA, Miriam M. de; GOMES, Rosângela da S. O multiculturalismo e o hibridismo religiosos brasileiros. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 19, n. 5/6, maio/jun de 2009. p. 475-484.

PERÉZ, Xerardo P. **Turismo Cultural: uma visão antropológica**. Tenerife. Espanha: ACA y PASOS, RTPC, 2009.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, 2003. p. 15-33.

PRIORE, Mary D. **Festa e utopia no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, Hugo L. **Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe: uma tradição revista**. Dissertação (Mestrado em Música). Salvador: UFBA, 2003.

RIBEIRO, Hugo L. **As taieiras**. São Cristóvão: EDUFS, 2008.

SANTANA, Augustín. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações**. Trad. Eleonora Frenkel Barretto. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, Gabriela. N. dos. **Turismo e cultura popular: danças e folguedos de Laranjeiras como atrativos diferenciais do turismo em Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo), Ilhéus: UESC, 2006.

SANTOS, Rafael J. dos. Antropologia, sociologia e estudos do turismo: contribuições para um diálogo interdisciplinar. **Hospitalidade**, ano 2, n. 2, 2005. p. 23-46.

SANTOS, Rafael J. dos. Hibridação cultural e turismo. In: GRABURN, N. **Turismo e antropologia: novas abordagens**. Campinas: Papirus, p. 119-140.

SILVA, Rosijane E. da; CARVALHO, Karoliny. D. Turismo étnico em comunidades quilombolas: perspectiva para o etnodesenvolvimento em Filipa (Maranhão, Brasil). **Turismo & Sociedade**, v. 3, n. 2, 2010, p. 203-219.

TRAJANO SÉ, J. **A identidade é o outro. Programa de Estudos Políticos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

VATIN, Xavier G. O desenvolvimento do “turismo étnico” na Bahia: o caso da cidade de Cachoeira. **26ª. Reunião Brasileira de Antropologia**, 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil. p. 1-15.